



GT 066. Visualidades Indígenas

Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz (UFF) -
 Coordenador/a, Edgar Teodoro da Cunha (UNESP) -
 - Coordenador/a

O GT visa reunir pesquisas recentes que analisem as produções audiovisuais feitas por povos indígenas ou sobre eles. O escopo das investigações a serem apresentadas deve agregar reflexões sobre as concepções de imagem do ponto de vista das cosmologias de distintos povos indígenas, mas também reflexões sobre a apropriação das técnicas de produção de imagens, análises de processos de socialização da linguagem do cinema e do vídeo por meio de oficinas e seus paradoxos e experiências correlatas. O objetivo das sessões será analisar as novas visualidades que se colocam para dentro e para fora dos grupos indígenas, o protagonismo dos jovens indígenas na produção de discursos audiovisuais a partir das lógicas culturais; relações entre imagem e xamanismo; circulação de pontos de vista indígena e sua recepção acadêmica, apropriação do audiovisual em processos de transmissão de conhecimento, seus limites e possibilidades. Os temas gerais que serão acolhidos no GT tratam de comunicação intercultural, relações entre imagem e política, questões de autoria, tecnologias nativas do tornar visível, jovens indígenas e apropriação das técnicas do vídeo, transmissão oral e o audiovisual.

A cosmopolítica das imagens dos Juruna da Volta Grande do Xingu

Autoria: Thais Brito da Silva

Na Volta Grande do Xingu, na Amazônia brasileira, a cerca de 10 km da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e da Belo Sun Mineradora, vivem os Juruna. Com o impacto sobreposto da hidrelétrica e da mineradora, os Juruna viram seu mundo ser completamente transformado e passaram a ter uma incerteza plena sobre seu futuro. Entre as compensações aos impactos socioambientais da hidrelétrica de Belo Monte, o Plano Básico Ambiental prevê a realização de filmes e a formação audiovisual dos Juruna e Arara da Volta Grande. O artigo analisa os filmes produzidos nesse contexto: A Última Volta do Xingu (2015), O Reencontro dos Yudjá (2017), Aventura na Caçada (2017) e A Última Caçada (2017) e pretende realizar uma análise fílmica dessas produções, considerando o impacto cosmopolítico (Stengers) das imagens criadas. A memória audiovisual dos Juruna cujo território está passando por consideráveis transformações socioambientais com arrasadoras consequências materiais e simbólicas por conta da construção de Belo Monte é o foco do texto, que apresenta uma análise etnográfica do contexto em que se encontram os Juruna da Volta Grande e se interroga sobre as possibilidades que a imagem encerra em tempos de catástrofes.



Realização:



Apoio:



Organização:

